

BRASIL | olimpíada 2016



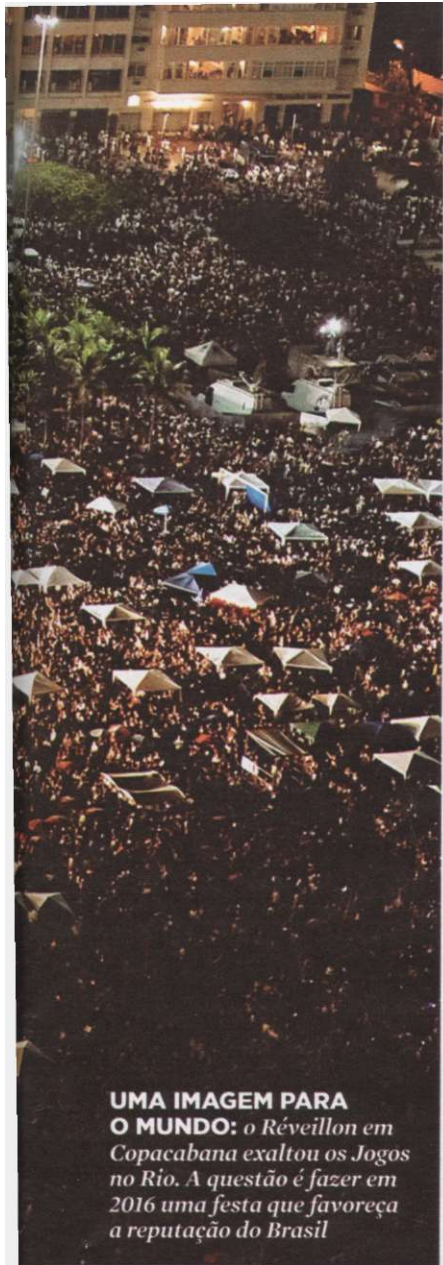
# ONDE ESTAMOS ATRASADOS

Convidado para gerir a preparação da Olimpíada, Henrique Meirelles deve assumir lutando contra o tempo. Em comparação com os Jogos de Londres, quase um ano já foi perdido | **ANGELA PIMENTA**



**O** velho Brasil que deixa as coisas para a última hora — e paga mais caro por isso — ameaça os dois grandes eventos que o país se propõe a organizar nos próximos anos: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016. No que diz respeito à Copa, a falta de gestão já mostra como resultado um atraso médio de dois anos nas obras e uma explosão de custos nos projetos de estádios (veja reportagem na pág. 50). No caso da Olimpíada, a possível nomeação do ex-presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, para o comando do órgão responsável é uma boa notícia — mas chega atrasada qua-

se um ano. A convite da presidente Dilma Rousseff, Meirelles foi escalado para dirigir a Autoridade Pública Olímpica (APO), uma instituição a ser criada na virada de fevereiro pelo Congresso por exigência do Comitê Olímpico Internacional. Se confirmado no cargo, Meirelles, que, após ter deixado o BC, cumpre uma quarentena até o final de abril, coordenará as ações do governo federal com as do estado e as da cidade do Rio de Janeiro — o governo estuda formas de fazer com que ele assuma o novo posto antes. A missão da APO é garantir eficiência na entrega de toda a infraestrutura necessária aos Jogos Olímpicos. Trocando em miúdos, aos 66 anos, Meirelles, engenheiro civil de



**UMA IMAGEM PARA O MUNDO:** o Réveillon em Copacabana exaltou os Jogos no Rio. A questão é fazer em 2016 uma festa que favoreça a reputação do Brasil

THOR UNAMAR

formação, foi escalado para zelar pela execução do orçamento de 30 bilhões de reais a ser investido em várias frentes: construção das arenas e da Vila Olímpica, projetos de mobilidade urbana e até o treinamento da mão de obra que trabalhará no evento. "A Olimpíada é uma oportunidade de ouro para o país e não pode ser comprometida pelos atrasos e pelo descontrole de custos que marcaram os Jogos Panamericanos de 2007", diz Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção.

Meirelles já começará lutando contra o tempo. Numa comparação com o cronograma seguido por Londres, cidade que realizará os Jogos de 2012, o even-

to do Rio de Janeiro acumulou até agora dez meses de defasagem quanto à criação da Autoridade Olímpica. Os londrinos criaram seu órgão gestor, o ODA, sigla de Olympic Delivery Authority, oito meses após a escolha da cidade para sediar os Jogos. O órgão é importante por deter plenos poderes para executar a missão, eliminando assim a tradicional ingerência política quando o assunto é gastar dinheiro público. No Rio, 18 meses foram decorridos e ainda não foi criada a estrutura gestora. De acordo com especialistas na montagem de eventos de grande porte. Meirelles precisa começar logo, porque 2011 é um ano crítico. Até dezembro, a Autoridade Pública Olímpica terá de concluir todos os projetos e realizar as licitações necessárias. Apesar do atraso na criação da APO, algumas coisas começam a andar. No momento, o Comitê Rio 2016, uma organização privada sem fins lucrativos criada para gerir as opera-

ções em nível local, trabalha em conjunto com a construtora Carvalho Hosken, ganhadora da licitação para a edificação da Vila Olímpica, no detalhamento dos projetos apresentados ao COI. A construtora prevê começar em abril a preparação do terreno pantanoso na Barra da Tijuca que abrigará a Vila Olímpica. O governo fluminense iniciou as obras da linha 4 do metrô carioca. Com seis estações, ligará Ipanema à Barra e está prevista para ser entregue em dezembro de 2015. Garantir que os prazos — e o orçamento — dessas e de outras obras sejam cumpridos será parte da missão do ex-presidente do BC.

Meirelles tem evitado a imprensa, mas assessores do Planalto dizem que

ele já aceitou o cargo motivado pelo desafio de colocar de pé um evento de importância ímpar. A esperança é de um ganho de imagem semelhante ao ocorrido com a China ao fazer os Jogos de 2008. Mas, em termos de gestão, o melhor exemplo a ser seguido é mesmo o de Londres, que está na fase final de construção das instalações da Olimpíada de 2012. Lá, graças à ODA, o cronograma de todas as obras e ações — coisa que ainda inexistia no Rio — foi dividido em seis fases: planejamento, escavação e demolição, construção,

testes, realização dos jogos e, finalmente, a fase de legado, em que parte das arenas será reduzida, e a Vila Olímpica, reconfigurada para servir à população londrina. Até agora, com exceção do atraso de um ano na linha do metrô que ligará o centro de Londres à Vila Olímpica, na zona leste da cidade, o cronograma está em dia — e, igualmente importante, o orçamento de 15 bilhões de dóla-



SÉRGIO LIMA/FOLHA IMAGEM/FOLHAPRESS

**DO BC PARA O ESTÁDIO:** a escolha de Meirelles visa evitar os problemas de descontrole que marcaram o Pan

res continua em vigor. Em sua missão de entregar os Jogos de 2016, Meirelles enfrentará lobbies e interesses políticos. Até o momento, sua nomeação enfrenta resistências do prefeito carioca, Eduardo Paes, e do ministro do Esporte, Orlando Silva. Felizmente, em conversas reservadas. Dilma tem dito que a autoridade e a independência da APO são inegociáveis. Para transformar-se em realidade, a APO também precisa ser aprovada pelos legislativos do estado e da cidade do Rio de Janeiro, onde a tramitação é lenta. Para o bem dos Jogos Olímpicos de 2016, espera-se que Dilma convença o Rio a se mexer o quanto antes — e evite, assim, repetir o fiasco que vem se mostrando a condução da Copa de 2014. •